

Dívida da América Latina é estrutural, diz banqueiro.

4.5.11.11.1993

JORNAL DA TARDE

A dívida externa latino-americana é estrutural e não o resultado de erros específicos de políticas por parte dos governos. Essa afirmação foi feita ontem, em Bogotá, pelo banqueiro norte-americano Richard Weinert, que está participando do XVIII Congresso da Federação Latino-americana de Bancos, onde cerca de 300 dirigentes de instituições financeiras dos EUA, da Europa e da América Latina estão discutindo fórmulas que permitam encontrar saídas para os problemas financeiros da região.

Weinert, para quem "quase todos os países latino-americanos se encontram em situações semelhantes, com 50% ou mais de suas exportações comprometidas com o pagamento da dívida", concorda com outros banqueiros, quando estes dizem que o problema da dívida na América Latina não afeta unicamente a região, mas sim todos os ativos das principais instituições financeiras das nações desenvolvidas.

Assim, lembram, se os latino-americanos não enfrentarem com êxito sua crise de endividamento, não estariam prejudicando apenas sua vida econômica, política e social. Estariam também debilitando outros países, cujas exportações teriam necessariamente de diminuir, diante da incapacidade dos países em desenvolvimento de continuarem adquirindo seus produtos.

Diante da magnitude da dívida latino-americana — que supera os 300 bilhões de dólares — a opinião quase unânime dos banqueiros internacionais é de que só existem dois caminhos para resolver o problema: um crescente superávit comercial por parte dos devedores ou então através da criação de novos mecanismos de financiamento.

Para alguns, aliás, seria precisamente a combinação destes dois mecanismos a melhor fórmula, uma vez que permitiria o pagamento das dívidas ao mesmo tempo em que se criaria a oportunidade de reiniciar o crescimento econômico.

Outros analistas, entretanto, demonstraram um certo ceticismo sobre as possibilidades de sucesso dessa fórmula, lembrando que a manutenção de importantes superávits comerciais, durante vários anos, não é compatível com as aspirações de crescimento desses países. Além disso, completam, a escassez de crédito internacional não parece um fenômeno passageiro, o que dificultará a concessão de novos empréstimos.